

VISUAIS Mostra

Na arte de Camargo, energia em preto e branco

Uma exposição de peças inéditas e um livro sobre a obra de Sérgio Camargo focalizam seu poder de sintetizar no contraste dos mármore branco e negro a modernidade e o mito

Norma Freire

A partir de hoje às 19 horas, 13 peças inéditas do escultor Sérgio Camargo estarão expostas no Gabinete de Arte Raquel Arnaud. Algumas são em mármore branco de Carrara, mas a maioria traz em si as reminiscências arcaicas do negro belga, material que o artista carioca, nascido em 8 de abril de 1930, vem utilizando com frequência a partir dos anos 80. O uso do mármore negro surgiu quando Sérgio foi convidado a fazer um jogo de xadrez para uma galeria do Rio. Desde então, ele tem explorado os contrastes de reflexão e concentração de energia dos mármore branco e negro, sob o rigor de um raciocínio único, capaz de ligar os mistérios do passado e do futuro com a velocidade da luz.

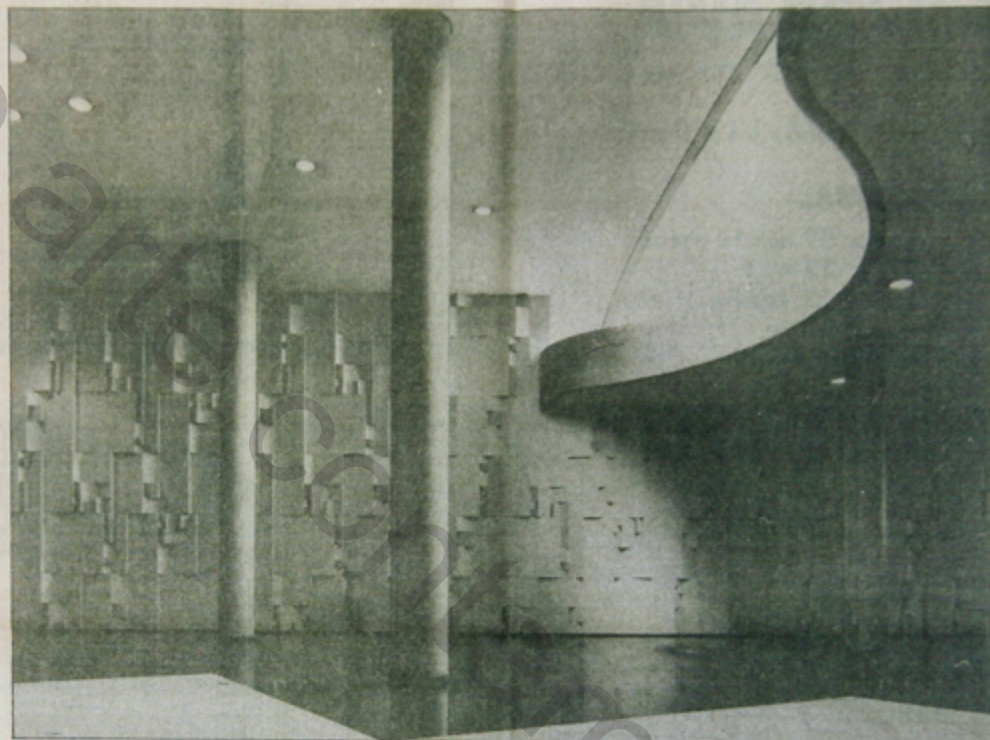
Camargo é um dos poucos artistas brasileiros de trânsito livre no mercado internacional. Em 1963, ao conquistar o primeiro prêmio na Exposição Internacional de Escultura de Paris, já havia abandonado definitivamente a idéia de tornar-se diplomata e, desde 1961, estabeleceu-se em um ateliê na capital francesa, produzindo



■ Bronze de 1954:
O Vento,
da série Mulher

uma arte que um crítico da época classificou de "autênticas, pessoal, brasileira".

Foi na Argentina, em Buenos Aires, que o escultor, aos 16 anos, começou a estudar seriamente as artes plásticas, na Academia Altamira ao lado dos mestres Fontana e Pettorutti. Em 1948 viajou pela primeira vez para a Europa e em Paris cursou filosofia na Sorbonne, frequen-



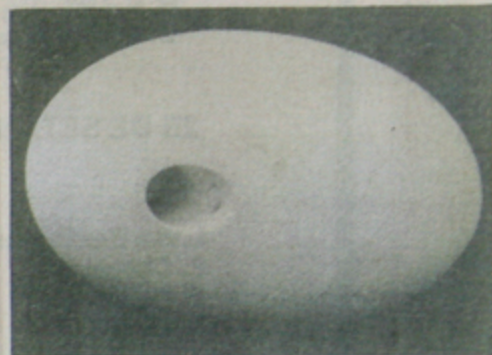
Parede de concreto, Centro Empresarial Itaú, 1983: porção brasileira de uma obra espalhada pelo mundo

tou a Grand-Chamière, e recebeu aulas de esculturas de Auricoste, no seu ateliê.

Embora os jogos de luz e sombra sempre tenham estado presentes nos trabalhos de Camargo, sua linguagem parece ter-se aprofundado em anos recentes, em que tem trabalhado ativamente no seu ateliê de Jacarepaguá. Em Massa, na Itália mantém um espaço ao lado dos ateliês dos mestres operários, que executam em mármore suas maquetes em madeira. Sua volta ao Brasil se iniciou nos anos 70, quando comentou: "Se eu não voltasse agora, acho que não o faria nunca mais". Obras suas estão espalhadas pelo mundo, de Caracas à Trondheim, na Noruega, nos jardins de Port Bacarès, na França, e nas coleções da Cidade do México e de Washington.

Entretanto, várias vezes havia sido notada a falta de um volume que reunisse os trabalhos de Camargo de uma forma contínua e didática. Esse vazio foi preenchido agora com o lançamento do livro **Camargo**, uma idéia antiga do Gabinete de Arte, que levou quatro anos para realizá-la. Em formato 30 cm x 30 cm, capa dura forrada em tecido cinza, sobrecapa em couro plastificado, o projeto foi executado pela Clinch Promoções com concepção gráfica do artista plástico Walmir Caldas.

"Para a sua execução, trabalhamos com muita calma e reflexão", diz Rachel Arnaud, proprietária da galeria. O álbum contém 43 fotos em cores e 272 em preto e branco, em 268 páginas em couro fosco, além de nota biográfica, biblio-



■ Camargo (ao lado): aprofundamento nos últimos anos. Acima, trabalho de 1990



SERVIÇO

Esculturas inéditas de Sérgio Camargo — A partir de hoje às 19 horas, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud (Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 4-417) até 20 de outubro. Na ocasião, será lançado o livro **Camargo** pelo preço especial de Cr\$ 13.200,00

grafia e curriculum do artista, acompanhado de reproduções dos cartazes das principais exposições.

O texto ficou a cargo de crítico Ronaldo de Brito, um dos maiores conhecedores da obra de Camargo. Em estilo altamente erudito e elegante, Brito comenta a trajetória do artista sem a preocupação da linearidade temporal. Em vez disso, sua preocupação maior parece ser o acompanhamento das evoluções da reflexão de Camargo e suas principais influências, que se situam segundo Brito entre "o reducionismo de Brancusi e o brutalismo de Henri Laurens". É nessa interseção que Camargo realiza sua visão do dilema do volume moderno, relatado em elementos extremamente clássicos que remetem aos mitos.